

ATIVIDADES COMPLEMENTARES

1. A linguagem

a) Com frequência Erico Verissimo se vale do gênero diário para caracterizar o universo íntimo de personagens e a visão da sociedade, e para criticar usos e costumes desta. Os alunos podem comparar três diários presentes nas narrativas aqui analisadas, com estilos completamente diferentes entre si, e associar tais estilos à condição, à idade, ao momento pessoal e ao contexto histórico de cada personagem. Para essa atividade, podem se basear no diário da adolescente Clarissa (*Música ao longe*), no diário de Sílvia (*Do diário de Sílvia*) e no Jornal de Antares, diário que o professor Martim Francisco Terra escreve enquanto coordena sua pesquisa na cidade. Podem se basear também no conjunto de fragmentos de cartas escritos por Olívia em *Olhai os lírios do campo*, embora não se trate propriamente de um diário. Se a leitura simultânea de três ou quatro livros for demasiada, sugere-se tomar uma das narrativas como referência e compará-la a trechos dos outros diários ou cartas. Por meio dessa leitura cruzada, os alunos podem ainda ser estimulados a criar personagens e seus respectivos diários.

b) Um dos momentos mais fascinantes da obra de Erico Verissimo é a criação de Pedro Missioneiro (*Ana Terra*), que, quando lhe perguntam de onde vem, responde: “*De parte nenhuma*”, isto é, “de lugar nenhum”, indicando que o mundo onde cresceu (o território das missões jesuíticas) não existe mais, porque foi destruído pelos conquistadores. Erico cria para essa personagem uma língua específica, dando foro literário e estético ao portunhol, que muitas vezes se fala nas fronteiras do Brasil. Em menor grau, acontece o mesmo com as falas do capitão Rodrigo (*Um certo capitão Rodrigo*), em que se misturam ditos campeiros, expressões militares e castelhanas. Também há criação ou recriação de linguagens específicas quando, por exemplo, os alunos de Clarissa cometem “erros” gramaticais e empregam expressões pitorescas (*Música ao longe*). Até os mortos de *Incidente em Antares* usam uma linguagem especial, irônica, mordaz, porque já não têm compromisso algum com os vivos e com seu mundo repleto de hipocrisias e contradições. Podemos dizer, portanto, que essas são personagens-limite, que vivem situações extremas, de marginalização, e que isso transparece na linguagem que o escritor lhes atribui.

As classes podem ser orientadas a pesquisar casos semelhantes na vida real, no ambiente familiar, na vizinhança, nas cidades e regiões, estudando também os preconceitos e julgamentos que se praticam através do modo de falar. Podem fazer um “mapa” das linguagens de bairros e até de cidades, e cruzar esses dados com informações econômicas, culturais e sociais. Podem ainda realizar trabalhos de criação artística, como crônicas, contos, peças de teatro, vídeos, que denotem tais situações.

2. O tempo e o espaço

Os romances de Erico Verissimo, sempre minuciosos na observação da sociedade brasileira em diferentes épocas, são uma inesgotável fonte de estudos para campos como história, geografia, ciências sociais, antropologia e outros. Uma atividade muito interessante é comparar como diferentes personagens, em diferentes épocas e contextos, se relacionam com o seu tempo e se apropriam culturalmente do espaço que as circunda.

Em *Ana Terra* e em *Um certo capitão Rodrigo* vemos a construção de um espaço regional e nacional, de uma economia, de um jogo político e de perfis culturais em formação: o gaúcho valente e guerreiro, mas também autoritário e descuidado; as mulheres de fibra, que resistem às guerras e atrocidades; os campeadores de fronteiras e espaços, e os fundadores de vilas e comarcas. Já em *Música ao longe*, vemos a *desconstrução* desse espaço, num momento de crise econômica e política em que as personagens se apequenam e se deixam enredar em suas contradições e impasses insolúveis: as glórias guerreiras são confinadas ao espaço do retrato do bisavô de Clarissa, que lutara na Guerra do Paraguai. Em *Incidente em Antares* diferentes momentos se reúnem num mesmo livro. Como as personagens se relacionam com seus espaços, nesses diferentes momentos? Como os veem? Que limites elas reconhecem? Como se relacionam com o tempo: o passado, o presente e o futuro? Discussões desse tipo podem animar agradavelmente o estudo de períodos históricos, sociais e econômicos relativos a tais momentos.

Outras comparações são possíveis: Clarissa vive numa pensão, em Porto Alegre, e depois no casarão da família, onde escreve um diário. Como ela sente as tensões próprias de seu tempo e espaço, que desfilam nesses “espaços interiores” (a pensão, a casa da família), em comparação com Sílvia, que também percebe as contradições do mundo (a guerra, a violência, a crueldade), do interior de um casarão (o Sobrado)? Quais as diferenças de percepção do tempo e do espaço entre Eunice Cintra e Olívia (*Olhai os lírios do campo*), de um lado, e dona Quitéria e Erotildes (*Incidente em Antares*), do outro? A primeira é filha de uma família rica; a segunda é uma estudante pobre que luta para vencer na vida sem corromper seus ideais; a terceira é a herdeira de uma poderosa família da cidade fantástica, e a última é uma prostituta que no fim da vida ganhava uma miséria. Que percepções do tempo e do espaço acompanham essas condições? O que a rica Sílvia, do Sobrado, lembra do mundo da Sílvia que era pobre quando criança?

3. Aspectos sociais

a) Um aspecto muito interessante para estudar no conjunto das obras de Erico Verissimo é a sucessão das moedas e as diferenças de poder aquisitivo que acompanham a vida brasileira. Em cada uma das narrativas há um microcosmo e um macrocosmo econômico e social que se abre à pesquisa. Como era o mundo das moedas no tempo colonial? Como era a estrutura do mil-réis, durante o Império e a República Velha? Que expressões as diferentes classes sociais usavam para falar das moedas? Quais expressões ainda sobrevivem? Quanto valeria um conto de réis hoje em dia?

b) Padres e médicos são personagens muito importantes no mundo vislumbrado por Erico. Como se pode comparar o mundo do padre Lara (*Um certo capitão Rodrigo*), cura de almas mas também, por vezes, do corpo, com o do dr. Seixas (*Olhai os lírios do campo*), cura de corpos mas, com frequência, também de almas?

c) Erico sempre foi muito sensível ao mundo das crianças. Um estudo que compare esse mundo, em duas ou mais narrativas, com o de hoje pode ser bastante elucidativo. Do que as crianças brincam? Que lembranças os mais velhos têm de sua infância? Como comparar as lembranças de Sílvia com as de Clarissa ou com o mundo de Pedrinho, em *Ana Terra*? A analogia também pode ser estendida ao mundo dos mais velhos: como a definição da idade da velhice vai mudando de acordo com as épocas? Seria possível conceber um conto, uma crônica ou uma pintura que caracterizasse essas diferenças diante da diversidade de situações culturais e sociais que vivemos simultaneamente? A atividade pode ser um bom ponto de partida para debater temas como a educação infantil ou os direitos da criança, do adolescente e do idoso.